



11ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

& 8º Simpósio de Pós-Graduação

A ESCRAVIDÃO NOS SERTÕES DO JACUÍ: análise dos registros paroquiais da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Jacuí (1762-1776)

Vitória B. FURIN¹; Maysa C. F. dos SANTOS²; Paula H. D. AFONSO³

RESUMO

Este trabalho estudou a presença da escravidão na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Jacuí no período inicial de colonização dos sertões situados ao sul do Rio Grande e a oeste do Rio Sapucaí. Foram analisados os registros paroquiais de batismos (1764-1770) e de óbitos (1762-1776) expedidos nesta freguesia nos períodos indicados. Ao mapear este acervo documental, a pesquisa quantificou e qualificou a presença e as características das pessoas escravizadas naquela área. Conclui-se que a envergadura da escravidão em Jacuí foi significativa e teve relações com a origem quilombola daquela região.

Palavras-chave:

Quilombos; Sertões Mineiros; século XVIII.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho estudou a presença da escravidão na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Jacuí no período inicial de colonização dos sertões situados ao sul do Rio Grande e a oeste do Rio Sapucaí, a partir da década de 1760. Os sertões de Jacuí tornaram-se uma nova frente colonizadora, depois que expedição militar de “desinfestação” atacou os diversos quilombos situados nas imediações dos rios da Conquista, S. João e São Pedro (BARBOSA, 1972; AMANTINO, 2001; MARTINS, 2008). A mineração praticada nesses ribeiros e nas proximidades dos quilombos atraiu expedicionários, sertanistas e outros senhores acompanhados de seus trabalhadores escravizados (GRILO, 2005).

Ao mapear os mais antigos registros paroquiais da freguesia de Jacuí, esta pesquisa quantificou e caracterizou as pessoas escravizadas naquela área, a constituir estudo inédito na historiografia regional. Embora esteja a atrair crescente atenção de pesquisadores e estudiosos atuais, a história quilombola e escravista do sudoeste mineiro ainda é pouco conhecida (GOMES, 1994; FARIA, 2018). Muito marcada pelo memorialismo atento à história das elites locais e pouco embasada empiricamente, a historiografia a respeito desta região resente-se de pesquisas que problematizem os ricos conjuntos documentais remanescentes do século XVIII (CAMPAGNOLE, s/d; CARVALHO, 1998). Em especial, permanece desconhecido o papel desempenhado por grupos quilombolas e por trabalhadores escravizados (africanos, crioulos e também indígenas) na colonização desse território.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foram analisados os registros paroquiais manuscritos de batismos (1764-1770) e de óbitos (1762-1776) expedidos na freguesia de Jacuí nos períodos indicados. Os livros consultados estão disponíveis na internet, em sítio eletrônico mantido por uma instituição religiosa.¹ A pesquisa foi realizada por meio de consulta e leitura virtual, sendo os dados transcritos, computadorizados e quantificados com auxílio de um editor de planilhas. Transcorridos no segundo semestre de 2019, os trabalhos de transcrição, quantificação e análise dos registros ficaram a cargo dos autores discentes, contando com o auxílio do professor-orientador. Na primeira parte do projeto, sucedida entre julho e dezembro de 2019, já houvera sido realizada leitura da bibliografia pertinente e ainda travava-se contato com a cartografia histórica relativa à região. Estes elementos, alinhados à leitura e análise da documentação manuscrita, conformaram o corpo de fontes primárias e secundárias que embasam e comprovam os resultados apresentados a seguir. No cômputo geral, foram considerados 396 registros de óbito, intercalados entre os dias 20 de janeiro de 1762 e 3 de abril de 1776; e, entre os batismos, levantou-se conjunto formado por 272 assentos expedidos de 1764 a 1770. Este acervo paroquial permitiu levantar valiosas informações sobre a história social da Freguesia de Jacuí, aproveitando-se das potencialidades oferecidas por este tipo de documentação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Relativamente aos batizados realizados em Jacuí entre 1762-1770, a pesquisa gerou os resultados expostos nos Quadros de número 1 a 4, colocados abaixo. Considerando o Quadro 1, verifica-se que a filiação legítima (isto é, quando pai e mãe são casados) foi maioria (58,8%). Os pais destas crianças legítimas tenderam a ser predominantemente brancos e livres (75,6%), muito embora cerca de um quarto delas (24,3%) tivesse pelo menos um dos genitores na condição de escravizado, forro ou administrado (cf. Quadro 3). Por sua vez, o terço (34,5%) de filhos ilegítimos (resultantes de pais não casados) advieram, sobretudo, de relações (muitas vezes adulterinas) entre mães escravizadas e pais incógnitos. A incluir também as solteiras de condição forra e administrada, as mães sabidamente não-livres pariram grande parte dos filhos ilegítimos (73 casos, dentre 94 possíveis). Apenas seis mães reconhecidas como livres geraram prole de pai ignorado (CF. Quadro 2). Esses dados confirmam a tendência característica das sociedades escravistas situadas em Minas Gerais no século XVIII: altos índices de ilegitimidade a incidir principalmente sobre mães escravizadas ou egressas da escravidão. A exploração sexual de mulheres negras ou mestiças por parte de homens oriundos da classe senhorial explica, em geral, a elevada ocorrência de pais anônimos, conformando uma estrutura familiar muito comum no Brasil escravista.

Não obstante também é verdade que existiram famílias constituídas por pais escravizados. O Quadro 4 descreveu os casais de pais que contavam com ao menos um integrante escravizado ou administrado. Casais com pai e mãe africanos somaram onze casos, enquanto casais crioulos se

1 . Endereço eletrônico: <https://www.familysearch.org/pt/>.

repetiram em doze batizados. Mais incomuns foram as uniões entre africanos e crioulos. O número de centro africanos, oriundos da África Centro-Occidental, foi maior que o de pais vindos da Costa da Mina. Computando-se todos os registros, a presença de elementos escravizados, forros e administrados nos assentos batismais de Jacuí se deu em, pelo menos, em 140 batismos, isto é, em 51,5% dos casos. Se atentarmos a que mães solteiras de condição indefinida e crianças enjeitadas tendiam a ser de origem escravizada, a representatividade de cativos e de egressos da escravidão chegaria a 58,8% dos batismos. Tarcísio Gaspar, em estudo semelhante acerca dos batismos expedidos na freguesia de Cabo Verde, próxima a Jacuí, entre 1764 e 1783, constatou que 39,6% dos assentos envolveram diretamente escravos e libertos, estando, portanto, mais de dez pontos percentuais aquém da concentração escravista presente na freguesia vizinha (GASPAR, 2017).

Condição dos batizandos	Nº	%
Legítimo	160	58,8
Ilegítimo (natural)	94	34,5
Escravo Adulto	13	4,7
Enjeitado (a)	5	1,8
TOTAL	272	100

Quadro 1. Condição dos Batizandos. 1764-1770.*

Condição dos pais	Nº	%
Casal c/ membro escravo, forro ou administrado	39	14,3
Casal livre	121	44,4
Pai incógnito e mãe escrava	63	23,1
Pai incógnito e mãe forra	3	1,1
Pai incógnito e mãe administrada (indígena/carijó/crioula)	7	2,5
Pai incógnito e mãe livre	6	2,2
Pai incógnito e mãe de condição indefinida	15	5,5
Pais desconhecidos de escravos adultos.	13	4,7
Pais desconhecidos de crianças enjeitadas	5	1,8
TOTAL	272	100

Quadro 2. Características dos pais. 1764-1770*

* Fonte: Arquivo da Paróquia de Jacuí. LIVRO B-3 Batismos, matrimônios, óbitos 1764, Mar-1814, fls. 5-44.

Condição dos casais de pais	Nº	%
Casais Livres	121	75,6
Casais c/membro escravo, forro ou administrado	39	24,3
TOTAL	160	100

Quadro 3. Condição dos casais de pais. 1764-1770 *

Formato dos casais com membro escravo, forro ou administrado	Nº
Casal Administrado	1
Casal africano (Costa da Mina)	2
Casal africano (África Centro-Occidental)	8
Casal africano de origem mista (Costa da Mina e África Centro-Occidental)	1
Casal pai Congo/Benguela/Angola e Mãe Crioula	6
Casal pai Mina e mãe crioula-cabra	1
Casal pai crioulo, mãe Rebolo/Angola	2
Casal crioulo forro	8
Casal crioulo escravo	4
Casal escravo de origem indefinida	6
TOTAL	39

Quadro 4. Formato dos casais com membro escravo, forro ou administrado.1764-1770 *

Quanto aos dados coligidos nos registros de óbito, cujos resultados constam nos Quadros de número 5 a 8, notam-se outras características sociais importantes. A população adulta de Jacuí era predominantemente masculina, na ordem de 3,6 homens por mulher (cf. Quadro 5). Pessoas livres representaram um terço dos óbitos (33,6%), ao passo em que escravizados corresponderam a 60,8% dos mortos. Considerando forros e administrados, o setor cativo e egresso da escravidão alcançou 63,8% dos óbitos. A desproporção entre os sexos acentuou-se neste grupo: havia 4,1 homens escravizados para cada cativa. As informações confirmam que a freguesia de N. S. da Conceição era, àquela altura, um núcleo escravista muito significativo. Cativos organizaram uma irmandade do Rosário, com capela própria, onde se enterraram muitos irmãos. Destaque-se ainda a presença de espaços religiosos herdados de núcleos quilombolas, que permaneceram em atividade e foram incorporados à freguesia, a exemplo dos cemitérios do Quilombo, da Conquista e do Pouso Alegre.

Existe ainda a possibilidade de que a própria matriz de N. S. da Conceição, cujo adro recebeu o maior número de escravizados falecidos, tenha sido erigida em área remanescente do quilombo do Zondú.

Idade/sexo dos sepultados	Nº	%
Homem adulto	214	53,7
Mulher adulta	59	14,8
Criança	125	31,4
TOTAL	398	100

Quadro 5. Idade/sexo dos sepultados. 1762-76 **

Condição social/sexo dos sepultados	Nº	%
Escravo (a)	242	60,8
Livre	134	33,6
Forro (a)	8	2
Administrado(a) – indígena-carijó	4	1
Enjeitado(a)	5	1,2
Condição indefinida	5	1,2
TOTAL	398	100

Quadro 6. Condição social/sexo dos sepultados. 1762-76**

Sexo/escravos, forros e administrados	Nº	%
Escrava	48	18,5
Escravo	197	76
Forra	5	1,9
Forro	5	1,9
Administrada	2	0,7
Administrado	2	0,7
TOTAL	259	100

Quadro 7. Sexo/escravos, forros e administrados. 1762-76**

** Fonte: Arquivo da Paróquia de Jacuí. LIVRO B-3 Batismos, matrimônios, óbitos 1764, Mar-1814, fls. 200-236v.

Local de sepultamento	Condição	Nº
Adro da Matriz N. S. Conceição	Livre	8
	Escravizado (a)	155
	Forro (a)	2
	Administrado (a)	1
	Livre	108
Dentro da Matriz N. S. Conceição	Escravizado (a) adulto	4
	Escravizado (a) e Administrado (a) inocente/criança	50
	Forro (a)	5
	Enjeitado(a)	5
	Livre	3
Capela do Rosário	Escravizado (a)	22
	Forro (a)	2
	Livre	2
Capela Santana	Escravizado (a)	10
	Administrado (a)	2
	Livre	1
Capela/Cemitério de Pouso Alegre	Escravizado (a)	9
	Escravizado(a)	2
	Escravizado (a)	1
Cemitério da Conquista	Escravizado (a)	1
Cemitério do Quilombo	Escravizado (a)	1
Casa de Oração das Lages	Escravizado (a)	1
Cemitério Barra do Sapucaí	Livre	1
Capela de Joaquim de Macedo	Escravizado (a)	1
Local não indicado	Livre	2

Quadro 8. Local de sepultamento/condição dos mortos.**

4. CONCLUSÕES

Nas décadas de 1760 e 1770, a maior parcela da população de Jacuí era composta por pessoas escravizadas. Majoritariamente masculino, como foi comum no regime escravista da América Portuguesa, este enorme grupo escravizado conseguiu criar espaços de organização – como a irmandade do Rosário – e forjar relações sociais familiares. O contingente cativo foi incrementado ainda pela presença de núcleos quilombolas naquela região, cujos remanescentes deixaram marcas na documentação paroquial.

5. REFERÊNCIAS

Bibliografia

- AMANTINO, Márcia. O mundo das feras: os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII. Rio de Janeiro, UFRJ, IFCS, 2001. Tese de Doutorado em História.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. Negros e Quilombos em Minas Gerais. Belo Horizonte: s/ed., 1972.
- CAMPAGNOLE, Adriano. Memória da Cidade de Caconde. São Paulo: Editora Gráfica Técnica Artes Gráficas, s/d.
- CARVALHO, Carvalho. A Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde e sua história. São Paulo: Gráfica Jundiá, 1998.
- GASPAR, Tarcísio de Souza. “A escravidão em Cabo Verde, em Muzambinho e em outras localidades da Freguesia de N. S. da Assumpção na segunda metade do século XVIII: análise de registros paroquiais”, Anais do I Colóquio de História Local e Regional. Muzambinho, 2017. No Prelo.
- GOMES, Flávio dos Santos “Mocambos e mapas nas minas: novas fontes para a história social dos quilombos no Brasil (Minas Gerais — séc. XVIII)”, Textos de História, Campinas, v. 2, n. 4 (1994), p. 26-57.
- GRILLO, Antonio Theodoro. Os “Sertões do Jacuí”. Texto xerocopiado, s/l; s/e, 2005.
- MARTINS, Tarcísio José. Quilombo do Campo Grande: história de Minas que se devolve ao povo. Contagem: Santa Clara, 2008;
- FARIA, Marjorie Prado Junqueira de. Os silenciados quilombolas e indígenas na formação de Caconde: território como testemunha do esquecimento. São Bernardo do Campo, Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território, UFABC, 2018. Dissertação de Mestrado.
- Fontes Manuscritas:
- Arquivo da Paróquia de Jacuí. LIVRO B-3 Batismos, matrimônios, óbitos 1764, Mar-1814.